

# “HOLOCAUSTO E SIONISMO” ATRAVÉS DA ARTE DE NAFTALI BEZEM

## Estudo da escultura “*Do Holocausto ao Levantamento do Estado*” (Título em hebraico: *Me-Shoá lê-Tekumá*).

PROF. DR. REUVEN FAINGOLD  
UNIVERSIDADE HEBRAICA DE JERUSALÉM

A Direção do Museu de Yad Vashem em Jerusalém, fundada através de um decreto parlamentar em 1953, convidou o artista plástico Naftali Bezem a esculpir a parede principal da instituição. Qualquer pessoa familiarizada com os trabalhos prévios de Bezem perceberá, imediatamente, que toda sua fértil produção artística é uma preparação para a execução desta verdadeira obra prima intitulada *Me-Shoá lê-Tekumá*. Na escultura o artista expressa tudo aquilo que havia manifestado separadamente até aquele momento.



Bezem, nascido em Essem, na Alemanha, em 1924, teve a sorte de haver escapado ileso do Holocausto. Em 1939 emigrou para a Palestina sob Mandato Britânico, duas semanas antes de começar a guerra. Mesmo não sendo por definição um sobrevivente do Holocausto, Bezem é muito consciente de tudo o que aconteceu naquele trágico período. Ele se considera parte de uma geração que deve perpetuar a memória dos milhões de judeus assassinados pela máquina nazista. Bezem é ciente que a futura geração de judeus não encontrará linguagem comum com os sobreviventes, pois essa nova geração estará distanciada do Holocausto e será incapaz de

lembrar a memória das vítimas com um monumento.

Na obra artística de Bezem, os valores estéticos são apenas um meio de expressão, mas nunca uma finalidade em si mesma. Eles visam relatar experiências nacionais mediante formas simbólicas. É uma linguagem individual, surrealista em suas imagens e repleta de valores tipicamente judaicos. Aqueles que conhecem os trabalhos anteriores de Bezem poderão interpretar facilmente os motivos que aparecem no painel do Museu de Yad Vashem.

O baixo-relevo sobre o Holocausto, todo em alumínio, está instalado numa parede de 60 metros quadrados. Foi construído graças à generosidade da família Shmuel Chirurg (Israel) em memória de seus familiares Channa e Pinchas Gerszowski de Lodz, vítimas do Holocausto.

A escultura está colocada sobre um fundo preto, e está composta de **quatro registros ou fragmentos**, revivendo Holocausto, Heroísmo e Ressurreição.

### **O HOLOCAUSTO (SHOÁ)**

Este primeiro registro que representa a Shoá têm no centro um forno crematório. Bezem criou intencionalmente a figura de uma indústria. O Holocausto como uma empresa industrial, pois da chaminé saem quatro aros de fumaça. A mensagem transmitida é bem simples: os campos de extermínio estavam organizados como verdadeiras indústrias, baseados em rendimento diário, lucratividade, e rígidas normas de produção. Ao lado esquerdo do forno aparece a matéria prima do campo, são os judeus enfileirados em sua última marcha.

Abaixo do forno crematório, aparece a figura de uma mulher segurando em suas mãos dois candelabros, elementos presentes às sextas-feiras pela noite, dia sagrado dos judeus. Esta disposição de símbolos leva a associar o conceito de mãe judia (idische mame) com a preparação do Shabat. Porém, esses candelabros estão invertidos, de cabeça para baixo, e o fogo está queimando os peitos da mulher judia, cujo leite materno é fonte de vida da existência. O início da vida está sendo queimado.



Os candelabros do Shabat invertidos e oprimidos representam para Bezem a profanação do sagrado, a perda não só do corpo, mas também da alma e do espírito. O mundo cotidiano da mulher também ruiu; e nele o sagrado virou profano.

Do lado direito do forno crematório observamos a figura do peixe. O peixe tem sua cabeça decepada, totalmente separada do corpo. O silêncio do peixe é o silêncio do povo judeu que caminha rumo ao extermínio, talvez parafraseando a expressão *rebanho ao matadouro*, expressão de uso freqüente na historiografia judaica do Holocausto até poucos anos atrás.

O peixe tem um par de asas. São as asas dos anjos que acompanham o povo judeu na hora de ascender aos céus. Na mitologia de Naftali Bezem o peixe aparece assiduamente em lugar do galo como símbolo de expiação de pecados. Para o artista israelense o galo é muito ruidoso e barulhento: ele anuncia o amanhecer, a renovação da jornada, a esperança do novo dia que se inicia. Por este motivo ele não pode aparecer, uma vez que o galo não consegue simbolizar o povo judeu em sua destruição.

O peixe aparece inúmeras vezes nas pinturas de Marc Chagall, sempre relacionado com símbolos judaicos conhecidos. Para Bezem, no entanto, o peixe é parte preponderante da trama escolhida.

### A REVOLTA (MERED)

O segundo registro da escultura apresenta a revolta dos judeus durante as pressões da época. No centro há uma sinagoga e uma pequena casa do *schtetel* (pequeno vilarejo judaico) ardendo. No incêndio pode-se reparar membros de corpos humanos, um pé calçado com seu respectivo sapato e uma mão segurando uma arma, metade espada e metade fuzil. É o retrato do combatente judeu do gueto. É um dos tantos Anilevich's, Lubetkin's ou Zukerman's que com enorme valentia encararam a besta nazista.



A rigor, o combatente aparece também ardendo nas labaredas, mas na sua outra mão segura

uma escada, o símbolo da esperança, da ascensão e da elevação. Nas obras de Bezem a escada é uma expressão concreta da *aliá* (imigração a Israel), naturalmente um nítido elemento sionista.

A escada nos lembra também o sonho do terceiro patriarca de Israel caminho a Harã (Gen. 28:12), no qual a *Escada de Jacó*, apoiada na terra chegava aos céus, e através dela os anjos de Deus subiam e desciam. A escada lembra também os degraus a serem atingidos no estudo da Cabala, a mística judaica. Estas interpretações outorgam ao simbolismo da escada uma dimensão única, ímpar, sempre interligado às raízes milenares do povo judeu.

### **A IMIGRAÇÃO (ALIÁ)**

O terceiro registro da escultura aborda a saída da Europa e o longo caminho de volta após o Holocausto. Os sobreviventes da Shoá aparecem representados na figura máscula de um homem e pai judeu que por sua vez contrasta com a figura da mulher e mãe judia e candelabros, ambos consumidos pelo fogo no primeiro registro.

O homem navega numa barca que flutua no ar, escoltado pela assa do anjo. Porém, desta vez não se trata do anjo da morte (heb: malach há-mavet) que acompanha a vítima em seu percurso celestial. É o anjo da vida (heb: malach há-chaim) que protege o sobrevivente, põe fim a seu sofrimento e o resguarda para que nada mais lhe aconteça.

O homem da barca não vem com as mãos vazias, traz armas. Ele está prestes a combater. Emerge das labaredas, passa pelo processo de *aliá*, e se prepara para uma nova luta, desta vez contra os britânicos que não autorizam aos imigrantes judeus chegarem a porto seguro.

A barca em que navega o sobrevivente traz vários meios de locomoção e transporte: um remo, uma roda e uma via férrea em forma de chifre de carneiro (heb: shofar), símbolo da Redenção de Israel. O pé do sobrevivente (combatente) está fora da barca, como se pisando àquela terra a ele prometida.

### **A RESSURREIÇÃO (GUEULÁ)**

O quarto registro da escultura de Bezem fala da Ressurreição. Aquele judeu que sobreviveu às tribulações da guerra chega à Terra de Israel. Por isso, agora ele é um leão, o valente leão de Judá. Mas, esse leão tem os olhos com lágrimas, pois mesmo com toda sua fortaleza e superação não consegue apagar da memória seu triste percurso. Ele chora seu passado não tão distante.

Os candelabros já não aparecem invertidos, não mais simbolizam a profanação do sagrado. Neste momento eles simbolizam o lar judaico, a família judaica enraizada em sua antiga tradição.

Por detrás do leão brota uma planta com folhas de cacto. É a nova geração de judeus, a dos *sabras*, engendrada pelos sobreviventes do Holocausto.

Certamente, do ponto de vista artístico, a escultura de Naftali Bezem vai progredindo, adquirindo cada vez maior profundidade. Podemos dizer que nos dois primeiros registros o artista se limitou apenas aos detalhes essenciais. As figuras e as estruturas colocadas se definem através de contornos aliados a uma simplicidade ímpar. Já nos dois últimos registros sobressai uma riqueza de formas, detalhes e elementos ornamentais. A tendência à simetria tenta mostrar a plenitude em toda sua perfeição.

Tentando uma analogia musical, podemos dizer que o clima de solenidade fez da escultura **“Do Holocausto ao Levantamento do Estado”** uma obra de harmoniosos acordes, sempre presentes no final de uma bela sinfonia.



**Museu de Yad Vashem em Jerusalém**